



**CHAMADA  
TEMÁTICA**

---

Revista  
**Diálogos**  
(RevDia)

# **A constituição de *corpora* sócio-históricos do português brasileiro: edições de cartas pessoais e o modelo de Tradição Discursiva\***

Cleber Ataíde<sup>1</sup>

---

**RESUMO:**

Neste artigo, apresento uma discussão sobre a importância das fontes escritas de sincronias passadas e reflito sobre a adoção do modelo da Tradições Discursivas para a tipologia-documental cartas particulares coletadas no âmbito do projeto Para História do Português Brasileiro (PHPB).

---

**PALAVRAS-CHAVE:**

Carta Pessoal;  
História da Língua Portuguesa;  
Tradição Discursiva.

---

<sup>1</sup>Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, *campus* de Serra Talhada. Pela Editora Contexto, é um dos autores do livro História do Português Brasileiro Vol. VII e coordenador da equipe de Pernambuco do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB) e Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (Ledoc).

## Introdução

É consensual a ideia de que, para os estudos sócio-históricos, o texto escrito é o principal “locus” do pesquisador que se aventura em desvendar o passado linguístico e cultural de uma determinada comunidade de fala. Sem os dados registrados nos textos escritos, não é possível obter os conhecimentos sobre a língua de épocas anteriores e explicar os seus processos históricos de mudança. Embora a constituição de um *corpus* precise atender aos objetivos propostos na investigação de cada pesquisador que deseje enveredar pelos caminhos da pesquisa em linguística histórica, é absolutamente necessária uma consistente preparação filológica para interpretação desses textos escritos que constituem o seu material empírico de análise. Portanto, é imprescindível considerar que o passado não é exatamente igual ao presente e o presente não é exatamente igual ao passado, porque assim não haveria distinções entre ambos (SOUZA, 2014). Pensemos, por exemplo, em algumas atitudes e valores que hoje são aceitos socialmente e, no passado, não eram. Os relacionamentos amorosos, há algumas décadas, eram arranjados pelos pais em troca de dotes; uma pessoa que é considerada culta hoje, é diferente de uma pessoa que era considerada culta há alguns anos. E tudo se reflete e está registrado nos textos que sobreviveram ao tempo e chegaram até nós como fonte de estudo. Mas como obter esses textos antigos? Quais critérios aplicar para selecioná-los? O quanto são representativos de uma determinada comunidade? Em que condições foram produzidos? O quanto são autênticos?

Certamente, essas, e outras, são algumas das perguntas que se deve fazer quando se tem como objetivo evidenciar o passado de uma língua através de uma documentação que a registre. Não se pode fazer uma investigação histórica<sup>2</sup> sem se preocupar com o **caráter pouco autêntico<sup>3</sup> dos dados**, já que pela falta ou escassez de meios técnicos, como gravadores, só se conservaram documentos escritos, desprovidos do contexto e da situação de produção; sem estar relacionado ao **caráter fragmentário**, dado que os textos que sobreviveram e vieram até nós ‘por azar’; sem considerar **a falta de representatividade**, já que os dados são muitas vezes desiguais, o que faz com que o investigador tenha pouco controle do *corpus* e trabalhe com coleções limitadas de textos; sem avaliar **o problema da validade**

---

<sup>2</sup> Romaine (1982), pioneira no desenvolvimento metodológico da linguística sócio-histórica, propõe que essa disciplina investigue e explique as diversas manifestações das variações linguísticas em uma comunidade ao longo do tempo e também o modo em que essa variação - seus diferentes usos, funções e tipos - se desenvolvem em línguas e comunidades específicas, no seio de determinados grupos e redes sociais ou em indivíduos concretos (*apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p.33, tradução nossa)

<sup>3</sup> Principais problemas em relação ao material linguístico, naturais em uma investigação histórica, elencados por Souza (2014).

**histórica e social**, já que as percepções de mundo, a caracterização e a valoração que fazemos de nossa realidade é diferente das que ocorriam no passado; e sem ponderar **o problema de autoria** que ocorre principalmente em cartas oficiais do período colonial, visto que o texto pode ter sido ditado para um copista.

Constituir *corpora* diacrônicos, com textos não literários mais próximos da escrita cotidiana de brasileiros que revelem uma escrita mais transparente com índices que reflitam um pouco melhor certos traços de oralidade, é uma tarefa bastante difícil. Ter acesso a dados do passado multilinguístico que se instalou no Brasil em virtude da presença da língua do português europeu, das línguas gerais indígenas e das línguas africanas, sendo este, propagado pela oralidade e em situação imperfeita de aquisição no período colonial, é o grande desafio da Linguística Histórica como já apontou a professora Rosa Virgínia Mattos e Silva em sua obra intitulada **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro** (2004). É justamente neste interesse que se enquadra o presente artigo.

Mediante o exposto, este trabalho se ocupa de cartas pessoais como fonte de estudo histórico e se centra no problema da tipologia documental dos *corpora* representativos de Pernambuco no âmbito do projeto Para História do Português Brasileiro (PHPB). O conjunto de textos aqui analisados são exemplares de cartas de pernambucanos do século XX, que se inserem na macrocategoria textual **cartas particulares** do PHPB. O acervo reúne 22 textos da escrita do cotidiano de pessoas que não tiveram acesso aos padrões normativos escolares. São, portanto, vestígios do português popular brasileiro de sertanejos pernambucanos residentes no sertão do Pajeú, interior do estado. As cartas foram escritas entre 1950 a 1958 com a finalidade de expressar saudades e pedidos de namoro dos escreventes que mantiveram um enlace sentimental pelas correspondências.

O artigo está estruturado em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na seção 1, apresentamos uma discussão sobre a importância das fontes escritas de cartas pessoais de sincronias passadas e reflito sobre a adoção do modelo da Tradições Discursivas para os *corpora* do projeto História do Português Brasileiro (PHPB). Na seção 2, analisamos as características das cartas classificadas como amorosas a partir dos elementos constitutivos de sua tradicionalidade textual e linguística. Na seção 3, exploramos as cartas com o objetivo de descrever alguns aspectos físicos dos documentos e identificar a habilidade do redator com a escrita epistolar. Na sequência, encontram-se as referências bibliográficas utilizadas.

## **1. Sobre o corpus das correspondências de Pernambuco e adoção do modelo das TDs**

O conjunto de textos que constitui a amostra<sup>4</sup> pernambucana dos *corpora* do PHPB está dividido em quatro marco-categorias textuais que compreendem edições manuscritas e impressas de correspondência de domínio público (**cartas manuscritas oficiais, cartas de leitor, carta de editor/editorial**) e de domínio privado (**cartas particulares**). O acervo é composto de aproximadamente 600 textos e boa parte desse material está disponível para consulta na plataforma<sup>5</sup> do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc).

A tabela a seguir apresenta a distribuição desse volume de dados pelo recorte de temporal.

**Tabela 1:** Corpus manuscrito e impressos do PHPB-PE

Tipologia documental manuscrita	Número de documentos					
	Periodização					
	séc. XVIII		séc. XIX		séc. XX	
	1701-1750	1751-1800	1801-1850	1851-1900	1901-1950	1951-2000
Cartas oficiais	17	07	11	27	01	02
Cartas particulares	-	-	01	32	92	213
Cartas de leitor	-	-	17	18	23	30
Cartas do redator/ Editorial	-	-	27	49	15	16
<b>Total:</b>	<b>17</b>	<b>07</b>	<b>56</b>	<b>126</b>	<b>131</b>	<b>261</b>

Fonte: Adaptado de Ataíde (2018)

Na tentativa de oferecer um modelo de análise baseada na Tradições Discursivas (TDs), as amostras da categoria *carta particular* foram revisitadas por Gomes e Lopes (2014); Ataíde (2018), partindo das dimensões tradicionais desse tipo de carta, a fim de se evidenciar as especificidades funcionais responsáveis pela diferenciação desses textos trocados entre os/as escreventes do *corpus* pernambucano. Com base em pesquisas prévias, como os estudos de Silva, J. (2002), que analisou o funcionamento sociocomunicativo das cartas pessoais; Souza (2002), que propôs subcategorias ao gênero; Silva e Gomes (2017); Ataíde e Lima (2019) têm buscado analisar as cartas pessoais pernambucanas para além do tipo de relação (simétrica e assimétrica) estabelecida entre os/as missivistas. Servem de parâmetro distintivo para caracterização dos textos epistolares, além do propósito comunicativo, a **temática**, a **composicionalidade** e os **modos de dizer**. Essas três dimensões baseiam-se no conceito de tradição discursiva (TDs), que consiste na “repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de

<sup>4</sup> O banco de textos editados do LeDoc está constituído também por outras amostras de textos escritos: **atas, capas de jornal, notícias, anúncios**.

<sup>5</sup> Endereço da plataforma: [www.ledoc.com.br](http://www.ledoc.com.br)

escrever ou falar que adquire valor de signo próprio” (KABATEK, 2006, p. 7). Desse modo, é possível defender que, no processo analítico sócio-histórico dos usos linguísticos, há uma distinção entre as ocorrências que retratam a norma vigente em um determinado período estudado e as fórmulas repetidas e convencionalizadas em determinado gênero particular.

A adoção do modelo da TD, considerando os elementos constitutivos que especificam e caracterizam as cartas pessoais pernambucanas, tem permitido a recategorização, no *corpus*, em três principais gêneros da carta pessoal: **carta de amigo** (42), **carta de família** (89) e **carta de amor** (207).

**Tabela 2:** Tipologia documental manuscrita baseada no modelo das TDs PHPB-PE

Tipologia documental das TDs		Número de documentos					
		Periodização					
		séc. XVIII		séc. XIX		séc. XX	
		1701-1750	1751-1800	1801-1850	1851-1900	1901-1950	1951-2000
Cartas particulares	de amigo	-	-	01	23	12	06
	de família	-	-	-	09	72	08
	de amor <sup>6</sup>	-	-	-	-	08	199
<b>Total:</b>		-	-	<b>01</b>	<b>32</b>	<b>92</b>	<b>213</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A tabela 2 sintetiza o reagrupamento dos textos manuscritos da esfera privada em que foi possível perceber que, sob a ótica das tradições discursivas, os missivistas utilizam estratégias que podem expressar variantes linguísticas de acordo com o tempo histórico, o local, o perfil social dos envolvidos e da natureza tradicional do texto, conforme apontaram Gomes e Lopes (2016, p. 9).

Baseado na proposta de classificação das cartas pessoais, passamos a redimensionar o olhar para as cartas de amor, a fim de caracterizá-las a partir dos elementos constitutivos de sua tradicionalidade textual e linguística. Para isso, consideramos o universo de apenas 22 missivas trocadas, na segunda metade do século XX, por um casal de pessoas não ilustres que residiram no sertão de Pernambuco. A justificativa para a escolha dessa amostra reside no fato de que esses textos são vestígios de uma escrita do cotidiano de pessoas que não tiveram acesso aos padrões normativos escolares. São, portanto, vestígios do português popular

<sup>6</sup> As correspondências sob a designação “cartas de amor” foram caracterizadas, neste primeiro momento, a partir das informações levantadas em entrevistas para a construção do perfil social dos escreventes e também pela relação identificada nas trocas das correspondências. Das 198 cartas, 51 são de um casal da região metropolitana de Recife-PE e 147 foram trocadas por três casais que residiram/residem no sertão pernambucano.

brasileiro que podem contribuir substancialmente para os estudos que almejam construir uma sócio-história da formação do português brasileiro.

## 2. “As frases que segue nesta carta foram ditadas por um coração que ama e sofre ao mesmo tempo”: o modelo das TDs para edições das cartas amorosas

As cartas de amor que representam a amostra do português popular do século XX fazem parte de um acervo de um total de 213 textos epistolares escritos, nas décadas de 1950, 1970 e 1990, por quatro casais, sendo 01 da região metropolitana de Recife e 03 casais do Sertão do Pajeú. Seleccionamos, para análise, vinte e duas (22) correspondências trocadas pelo casal R. e M.<sup>7</sup>, entre 1956 e 1958, e que foram localizadas no sítio Brejinho, distrito pertencente à cidade de Triunfo, que fica a mais de 400 km da capital do Estado.

Com base no conteúdo das cartas, na aplicação de questionário e na entrevista sociolinguística realizada por Lima (2018), foi possível coletar informações sobre o local e a data de nascimento, a constituição familiar, o início do romance, a escolaridade, a prática de escrever as cartas e o contexto de produção dos escreventes. Na entrevista, descobrimos que a **missivista feminina (M.R)** produziu uma das vinte e duas cartas do *corpus*. Ela nasceu no sítio Brejinho, em 8 de agosto de 1940. Ainda criança, foi alfabetizada nas primeiras letras, sendo, para a época e região, considerada privilegiada pelo seu nível de instrução. Quando adulta, ocupou-se da costura e da escrita de testamentos e inventários de terras. Era devota do catolicismo e dedicava-se à vida de esposa, mãe e doméstica.

O **missivista masculino (R.S.)** nasceu também em Brejinho, no ano de 1935 e atuou como agricultor e tirador de *trempe*<sup>8</sup> no engenho da família de sua amada (M.R). Devido à sua pouca familiaridade com padrões da língua normativa da época e com a escrita de textos epistolares, ele delegava a redação de suas correspondências a um amigo, o qual chamo aqui de **Redator (T.Q)**<sup>9</sup>, que as redigia fidedignamente, conservando o conteúdo e o máximo de expressividade linguística do remetente

<sup>7</sup> As cartas foram coletadas, editadas e transcritas, a partir das normas semidiplomáticas definidas pelo PHPB, durante a execução do projeto: **A construção de um corpus de manuscritos e impressos do sertão pernambucano dos séculos XIX e XX**, coordenado por Cleber Ataíde (UFRPE). Todo esse acervo foi doado pelos membros da família Ramos para o LeDoc, com autorização para pesquisa e publicação, e integra o banco de dados do projeto: [www.ledoc.com.br](http://www.ledoc.com.br). As letras referem-se às iniciais dos nomes dos remetentes que aparecem mencionados nas cartas.

<sup>8</sup> Chapa de ferro com buracos arredondados, colocada em fogão a lenha sobre o espaço destinado ao fogo, para sustentar as panelas.

<sup>9</sup> Em entrevista realizada por Lima (2018), o missivista relatou que o redator (T.Q.) transcrevia fidedignamente as suas cartas. Inferimos que a escrita delegada parecia ser uma prática muito corriqueira na vida dos brasileiros semialfabetizados residentes da região do sertão.

narrador R.S. Sobre o **redator (T.Q.)**, podemos dizer que foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Triunfo-PE e se ocupou das atividades de cozimento da rapadura e da agricultura. Além disso, ele foi responsável pelo processo de escolarização de muitos moradores da região próxima ao sítio Brejinho, mesmo sem habilidades específicas para atuar como docente. Na época, era considerado professor leigo<sup>10</sup>, já que era um dos poucos letrados da comunidade.

Das 22 cartas, 08 cartas não possuem datas, porém, pelos traços presentes nas missivas, como, por exemplo, a continuidade do assunto em uma carta anterior, é possível assumir que esse material foi escrito entre os anos de 1956-1958. No total, o *corpus* das cartas de amor interioranas contém 4.294 palavras, dispostas no quadro a seguir:

**Quadro 1:** cartas de amor da década de 1950 da região do sertão pernambucano

Cartas de R.S. para M.R	Cartas de M.R. para R.S
Carta 1 R.S. - 20 - 01 - 1956 - 308 palavras	Carta 22 MR - sem data - 141 palavras
Carta 2 R.S. - 02 - 11 - 1956 - 174 palavras	
Carta 3 R.S. - 18 - 11 - 1956 - 227 palavras	
Carta 4 R.S. - 02 - 12 - 1956 - 145 palavras	
Carta 5 R.S. - 22 - 04 - 1957 - 160 palavras	
Carta 6 R.S.- 29 - 06 - 1957 - 100 palavras	
Carta 7 R.S. - 06 - 10 - 1957 - 110 palavras	
Carta 8 R.S. - 20 - 11 - 1957 - 221 palavras	
Carta 9 R.S. - 14 - 12 - 1957 - 163 palavras	
Carta 10 R.S.- 18 - 02 - 1958 - 195 palavras	
Carta 11 R.S. - 21 - 03 - 1958 - 137 palavras	
Carta 12 R.S.- 04 - 05 - 1958 - 195 palavras	
Carta 13 R.S.- 26 - 07 - 1958 - 200 palavras	
Carta 14 R.S.- 31 - 08 - 1958 - 599 palavras	
Carta 15 R.S. - sem data - 145 palavras	
Carta 16 R.S.- sem data - 288 palavras	
Carta 17 R.S. - sem data - 116 palavras	
Carta 18 R.S. - sem data - 141 palavras	
Carta 19 R.S. - sem data - 105 palavras	
Carta 20 R.S.- sem data - 283 palavras	
Carta 21 R.S. - sem data - 141 palavras	
Total de palavras = 4.153 palavras	Total de palavras = 141 palavras

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

<sup>10</sup> O termo “Professor Leigo” é empregado para designar os que trabalham nos anos iniciais do Ensino Fundamental e que não têm a formação de nível médio, na modalidade normal (antigo Magistério). Geralmente, esses profissionais atuam em escolas localizadas em regiões de difícil acesso do país onde não existem faculdades ou universidades que possam frequentar (AUGUSTO, 2010). O Censo Escolar de 1964 revelou que, dos 289.865 professores primários em regência de classe em 1964, apenas 161.996, ou seja, 56% tinham realizado curso de formação profissional. Dos 44% de professores leigos, 71,60% tinham apenas curso primário (completo ou incompleto); 13,7%, ginasial (completo ou incompleto); 14,6%, curso colegial (completo ou incompleto) (Brasil, 1967). Outros detalhes sobre a história da formação de professores no país vale a pena consultar o artigo de Leonor Maria Tanuri, publicado em 2000 na Revista Brasileira de Educação.

Como se evidencia no quadro (1), a amostra aponta para um desequilíbrio de dados já que não conseguimos ter acesso às cartas da missivista feminina como remetente. Do total, 21 cartas foram endereçadas à missivista (M.R.) e apenas 01 ao missivista (R.S). Trocadas de janeiro de 1956 até, provavelmente, o ano de 1958, as correspondências registram, pelo menos, dois diferentes períodos do envolvimento sentimental do casal. Algumas expressões linguísticas evocadas pelas formas tratamentais, nos trechos da saudação e da captação da benevolência das cartas, ajudam a inferir sobre o tipo de relação (amigos-apaixonados e noivos) e a mapear esses estágios de envolvimento dos jovens.

Os exemplos a seguir ilustram algumas dessas evidências:

**Quadro 2:** Mapeamento das expressões linguísticas e a relação de envolvimento social

<b>Estágios de envolvimento da relação</b>	
<b>Amigos-apaixonados</b>	<b>Noivos</b>
<p>De <b>m.</b> as saudades</p> <p><b>Desejo que te encontre em um jardim   de florésgosando de mil felicidades são os   meus cincerros votos para vossa pessoa.</b>   Maria julgava esquecido por <b>ti</b> &lt;↑mais&gt; em horas   quando uma feliz noticia me desperta tra-  sendo grande alegria e satisfação poisja   pensava em esta esquecido por <b>ti</b> amando   sem ser amado no momento em que   de <b>ti</b> tenho uma noticia (Carta 03 R.S. em 18 - 11 - 1956)</p> <hr/> <p><b>Senhorita</b> M. Gratas recomendações Maria envio-<b>te</b> mais esta cartinha   para dar-<b>te</b> as minha noticias e ao   mesmo tempo saber das <b>tuas</b>. Maria, eu   vou bem, sofrendo sim, a nossa separação sentindo as maiores saudades e um dese  jo ardente te ver afim de matar a sêde   de amor que eu tenho para contigo eu te. (Carta 16 R.S. - sem data)</p>	<p><b>Minha querida noiva</b> M. <b>Saudades e amor</b> É nessa hora de tristesa e inque=   tação para o meu coração que passo   a responder <b>a tua</b> cartinha que veio   envolver-me de alegria porque cada   vez que eu recebo uma carta <b>tua</b>   sinto prazer.  (Carta 14 R.S. - 31 - 08 - 1958)</p> <hr/> <p><b>Meu querido Noivo</b> Minhas Saudades Sendo hoje para mim, momentos de jubilo   ao pegar na minha atrazada pena para <b>dar-tes</b>   ais minhas noticia e ao mesmo tempo conres-  ponder <b>a tua</b> amavel cartinha, na qual veio   me trazer grande alegria e deixar saudades.  (Carta 22 M.R. - sem data)</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Nas cartas 03 e 16, a maneira como o então jovem R.S. se dirige a M.R. aponta para uma relação mais respeitosa socialmente. A estratégia de evocar a sua amada por meio do seu nome social “**M.**”, acompanhado do pronome de tratamento mais cerimonioso “**Senhorita**”, seguido de construções mais ritualísticas da captação da benevolência como: “**Maria envio-te mais esta cartinha para dar-te as minha noticias e ao mesmo tempo saber das tuas**” e “**Levo á seu conhecimento que recebi sua carta que veio metraser uma grande surpresa**” imprimem às cartas um certo



“tom” de formalidade. Diferentemente desses contextos, os vocativos adjetivados “**Meu querido noivo**” e “**Minha querida noiva**” mais as expressões “**saudades e amor**” e “**minhas saudades**” acompanhadas de construções sintáticas mais espontânea como: “**É nessa hora de tristeza e inquietação para o meu coração que passo a responder a tua cartinha**”, identificadas nas cartas 14 e 22 evidenciam maior afetividade do casal e um momento diferente de envolvimento amoroso.

Se por meio dos vocativos, o grau de afetividade e intimidade entre os escreventes pode ser deduzido, por meio de outras pistas linguísticas também se identifica um linguajar tradicionalmente marcado pela emocionalidade do discurso amoroso. Isso fica bastante evidente nas primeiras linhas da carta 03 de (R.S.), quando tenta se declarar. Ele recorre à repetição de sentenças com o verbo *amar* + o pronome acusativo *te* de segunda pessoa: **meu coração cada dia te ama mais amate sem fingimento meu amor, nasceu somente para ti, és de toda minha consideração não ti esqueço em um so momento [...]**. Como inicialmente a relação do jovem casal é caracterizada pela distância física e a impossibilidade do envolvimento, já que M.R estava comprometida com outro rapaz, as cartas de R.S são marcadas, em grande medida, pela emotividade do sujeito que performatiza o seu sentimento independentemente se há ou não viabilidade do relacionamento. No *corpus*, outras formas/construções são encontradas para tematizar e retratar essa escrita, tradicionalmente, marcada pela emotividade no discurso amoroso<sup>11</sup>:

Quadro 3: Estratégias linguístico-discursivas da tradicionalidade do discurso amoroso

Discurso amoroso	Estratégias linguístico-discursivas do discurso amoroso
Declarar-se para o ser amado	[...] fico horas a pensar e meditas em que abraços andara aquela querida que <b>consagrei todo meu  amôr puro e declarando</b> pois é claro que tua simpatia me domina [...] (Carta 3 R.S. - 18 - 11 – 1956)
Expressar-se sobre o amor	[...] feliz me <b>considero somente em ti amar apesar das minhas fraquezas</b> , mais isto é natural que <b>o amôr não olha nada, olha somente a firmeza</b> e sabendo <b>que você não me ama, não me considera, e somente por fingimento, tudo isto sucede.</b> [...] (Carta 3 R.S. - 18 - 11 – 1956)
Demonstrar saudades	[...] O meu coração sofre <b>porque vivo separado de ti ás saudades não me deixam e o desejo ardente de te ver esta no meu coração</b> todo instante e isto é um martírio para quem ama. Maria o postal que tú me enviaste é o retrato da nossa futura união é o simbolo do nosso amor. (Carta 8 R.S. - 20 - 11 – 1957)  [...] Aqui termino pra não ti aborrecer solicitando resposta breve subescrevo atenciosamente a <b>seu dimirador que tanto ti ama</b> que é, R. J.S.

<sup>11</sup> Almeida (no prelo) postula que “o discurso amoroso se diferencia de um discurso sobre o amor porque, ao contrário deste, que estabelece um diálogo sobre o tema, aquele volta-se para si – encena o sentimento, dialoga somente com a própria linguagem que o significa. O sujeito amoroso performatiza o sentimento independente das condições da relação interpessoal: não importa se há reciprocidade do seu interlocutor (do objeto amoroso) ou se há viabilidade do relacionamento (se há impedimentos, obstáculos para que a relação seja vivenciada).

	Aqui coloco meu ponto final. <b>Adeus bem soudoso.</b> [...] (Carta 2 R.S. - 02 - 11 - 1956)
Idealizar o amor	[...] Maria você vive uma vida privada nós não podemos nos avistar é isto motivo de tristeza para mim mas ao mesmo tempo <b>eu sinto alegria porque tú diz que me ama e esta nossa separação não pode separar os nosso coraçoesções</b> porque eles se acham unidos pelos laços do amor [...] (Carta 17 R.S. - provavelmente 1958)
Reiterar sentimento	[...] no momento em que de ti tenho uma noticia, <b>meu coração cada dia te ama mais amate sem fingimento meu amor, nasceu somente para ti</b> , ês de toda minha consideração <b>não ti esqueço em um so momento</b> [...] (Carta 3 R.S. - 18 - 11 - 1956)

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Como visto nos recortes analisados, podemos dizer que as correspondências trocadas por R.S. e M.R são do tipo **carta de amor** porque são permeadas por tradições do dizer amoroso, nas quais se evidenciam características típicas das comunicações marcadas por parâmetros de um grau maior de proximidade comunicativa entre os interlocutores tais como emocionalidade, privacidade, intimidade e espontaneidade (KOCH; OESTERREICHER, 2013). Destacam-se, neste tipo da carta pessoal, o uso do diminutivo “**a tua cartinha veio encher o meu coração de alegria...**”; a variação dos pronomes típicos de segunda pessoa **tu** e **você** “**... só tu pode fazer a minha felicidade [...] mas Maria você duvida do meu amor?**” e as marcas da oralidade “**Olhe Maria**”. Além de escolhas lexicais, tais como **saudade, amor, tristeza, lembrança, dor, coração**, os missivistas costumam utilizar fraseologias e arranjos sintáticos (**meu coração cada dia te ama, você não me ama, te amo, te quero**) pertencentes tradicionalmente ao campo semântico do discurso amoroso.

Feita a caracterização da carta de amor, na próxima seção, exploramos as cartas com o objetivo de analisar alguns aspectos físicos dos documentos e identificar a habilidade do redator com a escrita epistolar.

### 3. Amostra das edições das cartas de amor do século XX: aspectos paleográficos da sua composicionalidade e os indícios de autoria

Como contextualizamos inicialmente no tópico 2, o redator (T.Q.) escreveu as 21 cartas que compõem a amostra de missivas do sertão de Pernambuco. Portanto, revela-se aqui um contexto de uma *escrita delegada*<sup>12</sup>, ou seja, uma situação em que o

<sup>12</sup> Mesmo diante deste problema quanto à autoria, esse acervo contribui para elucidar questões referentes à difusão da escrita em determinado espaço e tempo e para oferecer dados sobre a formação sócio-histórica da língua portuguesa no Brasil.

sujeito autor e o sujeito remetente não cumprem o mesmo papel. Nesse sentido, as observações sobre esses documentos tornam-se intrigantes porque o redator pertencia à classe com privilégio de aquisição da escrita por ser responsável pela escolarização de indivíduos na sua região, porém é perceptível no texto que ocorre a presença de marcas de mãos inábeis<sup>13</sup> de acordo as habilidades com a qual escreveu. Para tratar disso, discuto algumas características físicas dos textos, sejam supragráficas ou paleográficas, como o suporte, o uso do módulo, a ausência de regramento ideal, além da ausência de pontuação e a repetição (MARQUILHAS, 2000).

De modo geral, as missivas do casal R.S. e M.R. seguem a estrutura composicional que tradicionalmente possuem as cartas pessoais, como podemos observar abaixo:

**Quadro 4:** Modos de dizer na carta de amor do sertão pernambucano

ESTRUTURA COMPOSICIONAL DA CARTA PESSOAL	FORMAS RECORRENTES DE DIZER NAS CARTAS DE AMOR DO CASAL SERTANEJO	
	Escrevente R.S.	Escrevente M.R.
<b>LOCAL E DATA</b>	Brejinho 18 de -2-58	<b>Não identificada</b>
<b>SAUDAÇÃO (SALUTATIO)</b>	Minha noiva Saudades de ti	Meu querido Noivo Minhas Saudades
<b>CAPTAÇÃO DA BENEVOLÊNCIA (CAPTATIO BENEVOLENTIAE)</b>	Recebi a tua cartinha fiquei rejubilado   em saber notícias tuas.	Sendo hoje para mim, momentos de jubilo   ao pegar na minha atrasada pena para dar-tes   ais minhas noticia e ao mesmo tempo conres-  ponder a tua amavel cartinha, na qual veio   me trazer grande alegria e deixar saudades.
<b>TEXTO (NARRATIO)</b>	M as saudades   que vivo sofrendo são cruéis a nossa se-  paração é um martírio para mim porque   o coração que ama quer estar sempre jun=  to da pessoa amada. Olhe tenho ancias em   [[em]] me vistar contigo para o meu coração   matar a sêde de amor que vive sofrendo   Maria domingo eu fui com Dé ate a   casa de seu Arturmas eu ía até lá em   sua casa; mas desconfie que você não   estava em casa e voltei. Lamentei quando   soube que você estava mas não tem na=   da fica para quando nós se avistar então o meu coração irá passar momentos felizes   ao teu lado. [...] Vivo se   parado de ti mas	Meu querido noivo tu não avalias ais saudades   que vivo sofrendo por te nestes dias que não   posso passar ao teu lado sentindo a doçura   do teu amor, olha a tua auzência para mim   e mais do que um martris, porque quem ama   sinceramente a separação e o maior turmento. Quizera eu ter a certeza que minha carta seria   recebida com [rasura] o mesmo prazer, como eu recebia a tua

<sup>13</sup>Termo traduzido por Marquilhas (2000) da expressão *scripteurs maladroits* para designar os autores de alguns dos manuscritos portugueses do arquivo da Inquisição.

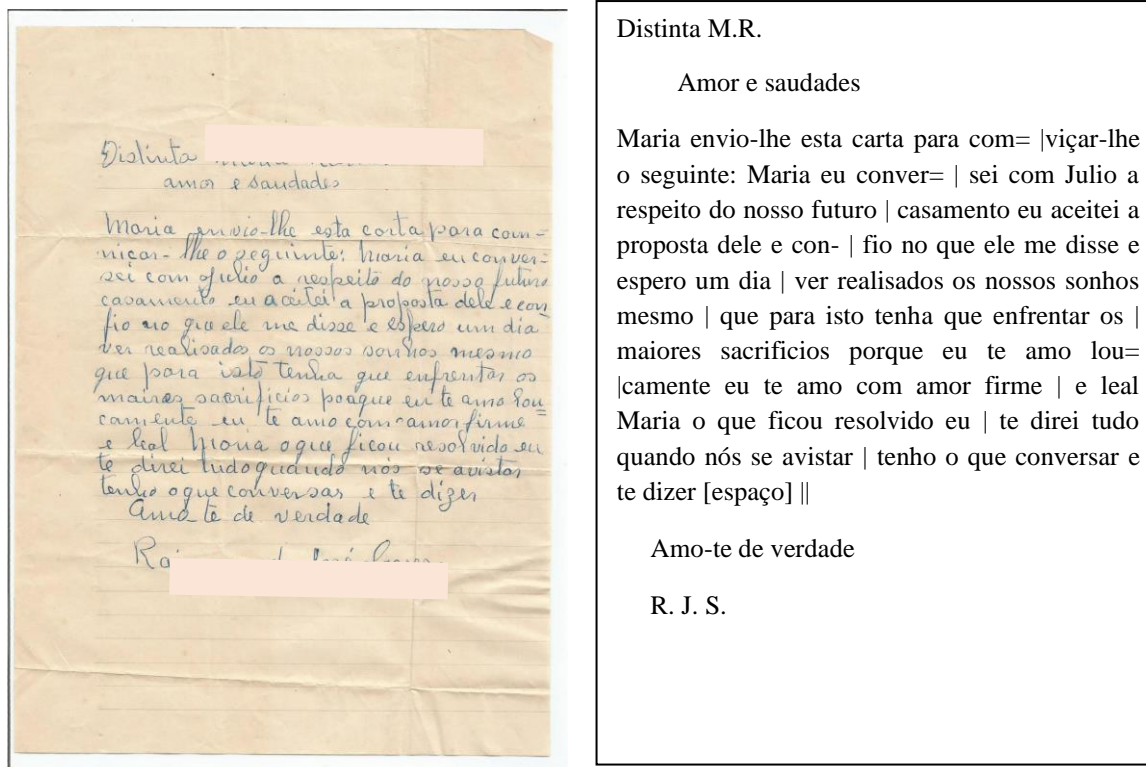
	um dia nós nos vere=  mos unidos pelos laços matrimoniaes se assim for a vontade de Deus.	
<b>PEDIDO (PETITIO)</b>		[...] aceite lembrança e um forte   aperto de mão desta tua noiva que morre por te   que e esta tua
<b>DESPEDIDA/ CONCLUSÃO (CONCLUSIO OU PERORATIO)</b>	amo-te de verdade	Aqui vou terminar enviando os meus sinceros   votos de felicidade.
<b>ASSINATURA (SUBSCRIPTIO)</b>	R J S	M R S

Fonte: Costa; Lima-Araújo; Ataíde (no prelo)

Sobre os dados supragráficos, observamos que as cartas foram escritas em papel comum, tipo almaço com pautas e apresentam vincos causados pelas dobras. Há correspondências escritas em meia folha, característica típica de uma escrita cotidiana, rápida e bastante informal, conforme é possível observar na figura da correspondência a seguir:

**Figura 1:** Carta 18 R.S. - sem data

Documento contendo um fólio em papel almaço com pautas



Distinta M.R.

Amor e saudades

Maria envio-lhe esta carta para com= |viçar-lhe o seguinte: Maria eu conver= | sei com Julio a respeito do nosso futuro | casamento eu aceitei a proposta dele e con= | fio no que ele me disse e espero um dia | ver realizados os nossos sonhos mesmo | que para isto tenha que enfrentar os | maiores sacrificios porque eu te amo lou= | camente eu te amo com amor firme | e leal Maria o que ficou resolvido eu | te direi tudo quando nós se avistar | tenho o que conversar e te dizer [espaço] ||

Amo-te de verdade

R. J. S.

Fonte: LeDoc (2019).

Em algumas cartas, mais especificamente em três correspondências, há certa preocupação com a estética do suporte, de modo que aparece o papel enfeitado com símbolos semelhantes a monogramas com as iniciais dos nomes do casal no centro da imagem, como destacado na figura a seguir:

**Figura 2:** Carta 10 R.S.- 18 - 02 – 1958

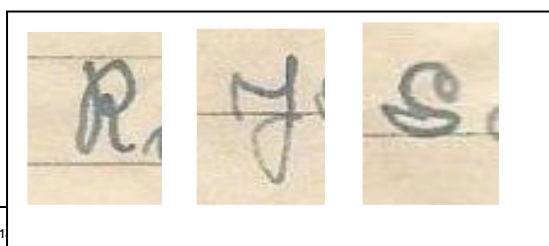


Fonte: LeDoc

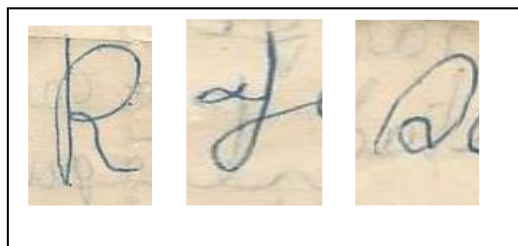
Esses símbolos, embora não se possa afirmar categoricamente de quem seja a autoria, retratam uma prática de letramento que pode ter sido desencadeada pelo convívio sociocultural e pelo contato prévio dos remetentes com outras cartas ou cartões-postais. Encontramos trechos em que R.S narra a troca de postais e alguns outros poucos objetos: “[...] e por último vai um postal representando uma cena amorosa. Recebe M. estes objetos e com eles as minhas saudades [...]”. É possível que R.S tenha se espelhado no formato de monogramas, uma espécie de abreviações e siglas que editoras adotavam como assinaturas simples, sem desenho algum como a S.I.P ou a E.A.P (RAMOS, 2018). A respeito disso, Rocha (2004 *apud* Ramos, 2018) revela que, um pouco anterior ao final do século XIX, a troca de cartões postais, assim como a troca furtiva de bilhetes, em passeios ocasionais na praça, cumpriria uma parte importante do processo de aproximação entre moças e rapazes.

Por ser uma correspondência delegada, há indícios de traços caligráficos<sup>14</sup> diferentes, o que pode revelar dois sujeitos: o redator e o assinante. Para observar essa habilidade motora, recorreremos às letras (R, J, S) da assinatura de R.S para compará-las em cartas diferentes.

**Figura 3:** Letras iniciais da Carta 3 R.S.



**Figura 4:** Letras iniciais da Carta 8 R.S



(no prelo).

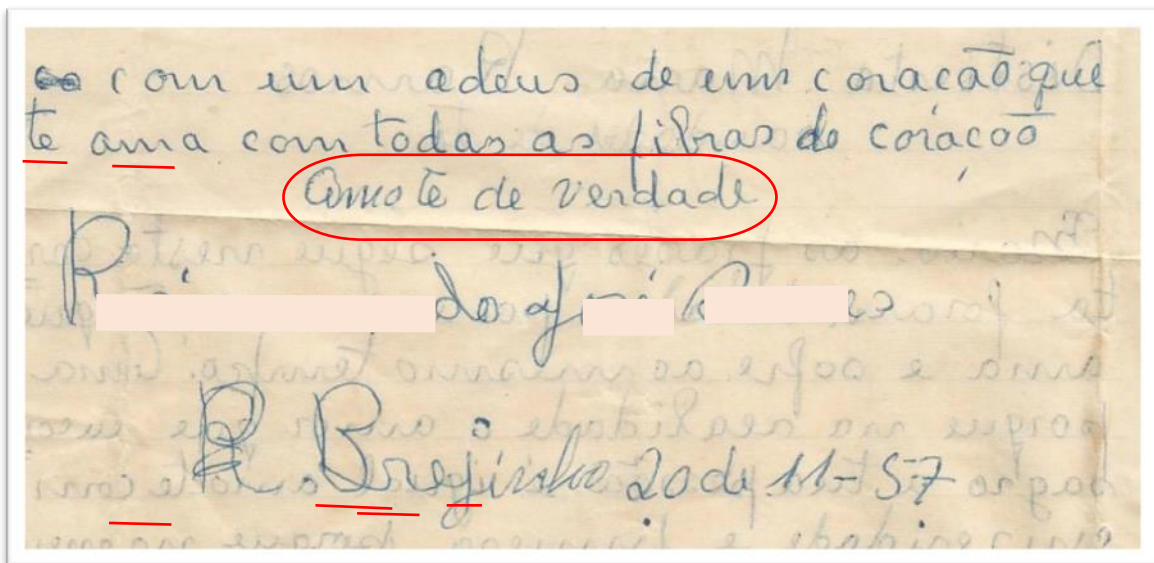
Fonte: LeDoc

Fonte: LeDoc

Nas figuras 3 e 4, há um traçado irregular e inseguro principalmente das letras J e S. É provável que o suposto remetente se espelhasse e se apoiasse na caligrafia do redator. Um bom exemplo desses traços físico-caligráficos de duas mãos diferentes é a imagem a seguir em que se revelam trechos bem formulaicos de despedida. Por apresentar sentenças curtas e mais próximas da sintaxe das interações espontâneas, R.S parece ter sido encorajado a se arriscar na escrita das suas palavras. Uma comparação da construção “**amo te de verdade**”, das letras iniciais da assinatura e a datação da carta com outros trechos revela não se tratar, nos níveis supragráfico e paleográfico, da mesma mão. Na figura 5 é possível fazer tal constatação.

**Figura 5:** Trecho da despedia da Carta 8 R.S

Documento contendo um fólio em papel almaço com pautas



Fonte: LeDoc

Como se trata de cartas que foram trocadas em relação de simetria entre os interlocutores, outros traços de oralidade são marcados na escrita. Esse fato, como já afirmamos, favorece a escrita cotidiana, de caráter mais livre e que apresenta um significativo grau de transparência aos usos vernáculos por parte do escrevente. É por isso que, com frequência, em muitos trechos do corpus analisado simulam comunicações marcadas pela imediatez da fala como se R.S estivesse numa conversa informal com sua amada:

[...]só o teu amor preenche o vacuo do | meu coração só tú pode fazer a mi= |nha felicidade. **Que será de mim oh! | minha querida sem o teu amor?** ~~Por~~ porque eu só sou feliz na mi | ha <↑vida> porque te amo, mas **Maria vo|cê duvida do meu amor?** pois eu | **lhe digo você faz mal em duvidar.** [...] (Carta 13 R.S.- 26 - 07 – 1958)

[...] Maria se eu não | me casar com você eu não caso | com **outra porque de que me vale a | vida sem o teu amor? Viver sem o | teu amor para mim não e viver | é um martirio.** [...] Carta 21 R.S. - ano possível 1958

Ainda pelo fato de as correspondências apresentarem escrituralidade relativa às comunicações espontâneas, encontra-se a repetição<sup>15</sup> de itens lexicais como estratégia básica de formulação dos textos, e sua presença no *corpus*, como ilustra os exemplos das cartas 9 e 18, é um indício de que os documentos registram uma escrita próxima da oralidade. É comum ainda a ocorrência de fraseologias ou unidades fraseológicas, ou seja, expressões linguísticas de uso frequente, em partes estratégicas da carta, tais como **te amo** e **amo te de verdade**.

M. eu estou re- |sol[.] te em casamento afim | de [ilegível] a sorte do nosso amor | por isto eu **te** peço que tú fale sobre |este assunto **a téus pais** e depois me | diga o que eles disseram porque eu já | estou sismado e não falar **com | seu pai** sem primeiro saber algu|ma solução. Carta 9 R.S. - 14 - 12 – 1957

M. **eu** conver= | sei com Julio a respeito do nosso futuro | casamento **eu** aceitei a proposta dele e con- | fio no que ele me disse e espero um dia | ver realizados os nossos sonhos mesmo | que para isto tenha que enfrentar os | maiores sacrificios porque **eu te amo** lou= |camente **eu te amo** com amor firme | e leal Maria o que ficou resolvido eu | **te** direi tudo quando nós se avistar | tenho o que conversar e **te** dizer [espaço] || **Amo-te** de verdade || Raimundo José Soares.

Carta 18 R.S. - sem data

A dificuldade em usar os sinais gráficos ligados à pontuação é outro aspecto que podemos interpretar para indicar a familiaridade ou a pouca familiaridade com a escrita de textos. Santiago (2011), ao investigar a pontuação nas cartas dos sertanejos baianos, no século XX, observou um distanciamento do sistema de pontuação prescrito nas gramáticas atuais, já que não há sinais gráficos na maioria das cartas. Nesse aspecto, o comportamento do sertanejo pernambucano nas cartas de amor não se distancia. Das 21 cartas redigidas por (T.Q), praticamente todas têm poucas evidências de uso de algum sinal de pontuação ou paragrafação. Em algumas dessas cartas, percebem-se outros recursos que podem indicar uma intenção de pontuar, como a disposição dos parágrafos, o uso da maiúscula e até os espaços em branco,

<sup>15</sup>A repetição de vocábulos em sequência na mesma sentença ou em sentenças subsequentes em manuscritos de mãos inábeis foi realizado por Santiago (2012). Barbosa (2017) afirma que “afora as funções coesivo-discursivas, a repetição de uma mesma palavra três ou quatro vezes deve refletir um pouco da busca de uma riqueza lexical não aprendida no contato com textos modelares da cultura escrita de sua época”.

que podem ser considerados como marcas de pontuação (SANTIAGO, 2019). Na carta de R.S 9, na Figura 5, por exemplo, mesmo sem a presença dos pontos, a disposição da mancha na página indica a divisão do texto e identificamos pelo menos três partes composicionais da carta: a saudação, a captação da benevolência junto com o *narratio* e a despedida. Diferente da carta R.S 9, por ser um texto mais curto, não apresenta quase nenhum sinal de pontuação; o redator apenas separa a saudação inicial. Quando a ausência de sinal coincide com a pouca organização gráfica do texto, isso pode indicar uma maior dificuldade com a representação do texto escrito.

Figura 6 - Carta 9 R.S

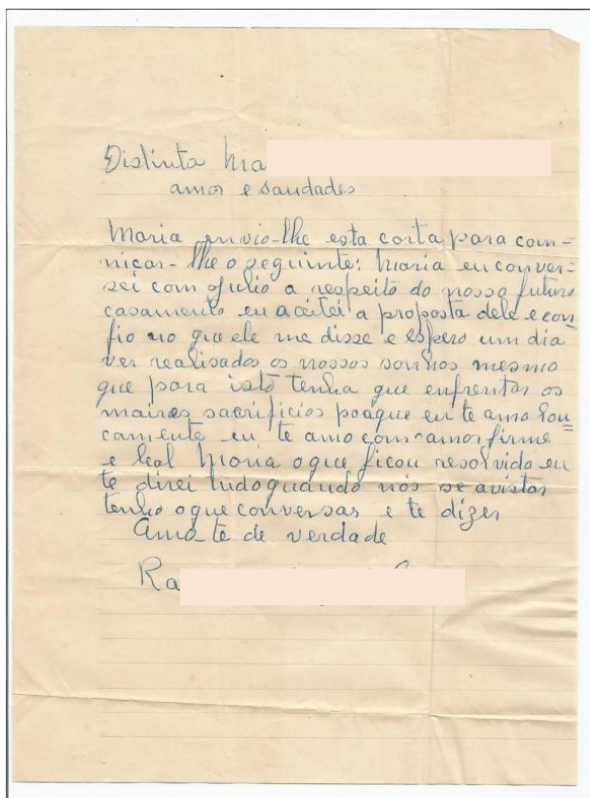
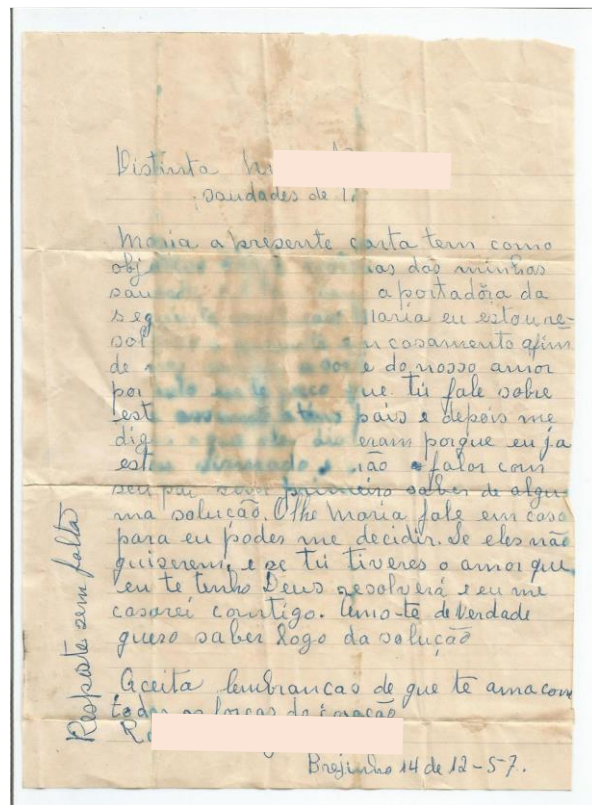


Figura 6 - Carta 18 R.S



Fonte: LeDoc

Como se percebeu, os aspectos analisados permitem, mesmo não sendo suficiente apenas a caracterização dos aspectos físicos para identificar a habilidade de escrita do redator (T.Q.), os traços que levantamos permitiram identificar a presença de duas mãos presentes no texto: uma que escreve as correspondências endereçadas a M.R. e a outra que apenas assina. Por ser uma correspondência delegada, é preciso investigar a partir de outros procedimentos metodológicos se os aspectos supragráficos e paleográficos, além da repetição de palavras e ausência de



pontuação, são suficientes para reconhecer inabilidade com o código escrito do redator das cartas.

## Considerações finais

No empenho de contribuir para essa relação entre linguística histórica e a cultura escrita, este trabalho se ocupou de apresentar uma discussão sobre a importância da adoção do modelo das Tradições Discursivas para o estudo dos *corpora* do projeto História do Português Brasileiro (PHPB). Mais especificamente, o estudo reflete sobre os exemplares de cartas pernambucanas do final do século XX, as quais se inserem na macrocategoria textual **cartas particulares** do PHPB.

Com base em parâmetros distintivos para caracterização dos textos epistolares, como o **propósito comunicativo**, a **temática**, a **composicionalidade** e os **modos de dizer**, pensamos numa recategorização, pelo menos no *corpus* de Pernambuco, em três principais subgêneros da carta pessoal do século XX: **carta de amigo**, **carta de família** e **carta de amor**. A partir do *corpus* composto de 22 cartas trocadas pelo casal R.S e M.R., entre 1956 e 1958, no sítio Brejinho, distrito pertencente à cidade de Triunfo, que fica a mais de 400 km da capital do Estado, pudemos caracterizar que as **carta de amor** são permeadas por tradições do discurso amoroso, nas quais se evidenciam propriedades típicas das comunicações marcadas por um grau maior de proximidade comunicativa entre os interlocutores tais como emocionalidade, privacidade, intimidade e espontaneidade. Destacam-se, neste tipo da carta pessoal, escolhas lexicais, fraseologias e arranjos sintáticos pertencentes tradicionalmente ao campo semântico do discurso amoroso.

Além disso, as cartas foram analisadas com base nos aspectos físicos dos documentos para identificar a habilidade do redator com a escrita epistolar. Por se tratar de um contexto de uma **escrita delegada**<sup>16</sup>, os aspectos supragráficos e paleográficos além da repetição de palavras e ausência de pontuação permitiram identificar a presença de duas mãos presentes no texto: uma que escreve e a outra que apenas assina as correspondências.

Em síntese, os resultados aqui apresentados revelam a importância de constituir *corpora* diacrônicos com textos não literários mais próximos da escrita cotidiana de brasileiros não ilustres. Ter acesso a esses textos é permitir descobrir um passado multilinguístico, ainda por muitos, desconhecido, que se instalou no Brasil

---

<sup>16</sup> Mesmo diante deste problema quanto à autoria, esse acervo contribui para elucidar questões referentes à difusão da escrita em determinado espaço e tempo e para oferecer dados sobre a formação sócio-histórica da língua portuguesa no Brasil.

após o século XVII principalmente, como já alertou a professora Rosa Virgínia Mattos e Silva.

## Referências

ATAÍDE, C. A. Aspectos sócio-históricos dos manuscritos e impressos pernambucanos. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S.l.], v. 17, n. 28, p. 72-103, abr. 2019. ISSN 1809-3507. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/42148/29329>>. Acesso em: 07 jul. 2020. doi: <https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2018.42148>.

\_\_\_\_\_; LIMA, T. J. S. A variação diatópica dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX. **Revista LaborHistórico**. Rio de Janeiro, 4 (2): 92-103, jul. | dez. 2018.

AUGUSTO, M.H. Professor leigo. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

BARBOSA, A. G. O controle de marcas de inabilidade na escrita alfabética e a identificação das mãos inábeis em corpora histórico-diacrônicos. **Revista da ABRALIN**, [S.l.], v. 16, n. 2, abr. 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/51997/32039>>. Acesso em: 04 jul. 2020: doi: <http://dx.doi.org/10.5380/rabl.v16i2.51997>.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Style in Language*. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, 1960. p. 253-276. Disponível em: <[https://www.ehu.eus/seg/\\_media/gizt/5/5/brown-gilman-pronouns.pdf](https://www.ehu.eus/seg/_media/gizt/5/5/brown-gilman-pronouns.pdf)>. Acesso em: 10 de mai. de 2010.

COSTA; E.; ARAÚJO, T.L.; ATAÍDE, C. **Os caminhos do subsistema de tratamento pernambucano: as relações nas cartas de amor dos anos 50 em duas variedades**. 2020 (no prelo)

LOSE, D. A. SANTOS, L. S. **Uma análise diplomático-paleográfica no nordeste brasileiro em fins do séc. XVIII ou Quem escreveu os pasquins sediciosos da conspiração dos alfaiates / revolta dos búzios?** (no prelo).

GOMES, V.; LOPES, C. R. S. Variação entre formas dos paradigmas de tu-você em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX. In: **Revista do GELNE**. v.16, 2014a. p. 1-15. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11626>>. Acesso em: 01 de jun. de 2020.

\_\_\_\_\_. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. In: **Revista de Estudos da Linguagem**. v. 24, 2016. p.157-189. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/6299>> . Acesso em: 01 de jun. de 2020.

GOMES, V. “Esta humilde e fraca pena” registra a tradição das cartas de amor do casal N e Z (1949). In: **LaborHistórico**,5 (Especial 1), 104-129. Disponível em doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.25536>. Acesso em: 01 de jun. de 2020.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. et al. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: EdUFBA, 2006.

KOCH, P.; ÖESTERREICHER, W. Linguagem da imediatez–linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Tradução: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. **Revista Linha D'Água**, n. 26, p. 153-174, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/55677/60935>>. Acesso em: 20 de mai. de 2020.

LIMA, T.J.S. A variação dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor rurais do sertão pernambucano. Relatório de atividades acadêmicas de iniciação científica. Unidade Acadêmica – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, 2018.

MARQUILHAS, R. **A faculdade das letras: Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro**. São Paulo, Parábola, 2004.

RAMOS, C. **Postais para ver: cartofilia no Brasil na primeira metade do século XX na coleção Estella Bustamante**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2018.

SANTIAGO, H. S. **Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos).

Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, 2012, V. 2

\_\_\_\_\_. **A escrita por “mãos inábeis”**: uma proposta de caracterização. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, 2019.

SILVA, A. G.; GOMES, V. S. Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas da primeira metade do século XX *In*: ATAÍDE, C. et. al. **Gelne 40 anos: Experiências teóricas e práticas nas pesquisas em Linguística e Literatura**. 1 ed. São Paulo: Blucher, 2017, p. 207-229.

SILVA, J. Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. Tese (Doutorado em Letras- Estudos Linguísticos). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/profs/romulo/UM%20estudo%20osobre%20o%20g%C3%AAnero%20carta%20pessoal%20de%20JANE%20QUINTILIANO.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/romulo/UM%20estudo%20osobre%20o%20g%C3%AAnero%20carta%20pessoal%20de%20JANE%20QUINTILIANO.pdf)> . Acesso em: 10 de mai. de 2019.

SOUZA, C. D. de. **Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você**: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980). Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2014.

TANURI, L. M. História da formação de professores. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 61-88, Agos. 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05.pdf>> . Acesso em 01 de Jul. de 2020.

Sites consultados:

<http://ledoc.com.br>. Acesso em 10 de maio de 2019.

<https://informacoesdobrasil.com.br/rua/pe/triunfo/sitio-brejinho+6490>. Acesso em 20 de junho de 2019.



**CHAMADA  
TEMÁTICA**

---

**Revista  
Diálogos  
(RevDia)**

# **The constitution of socio-historical corpora of Brazilian Portuguese: editions of personal letters and the Discursive Tradition model**

---

## **ABSTRACT:**

This article, I present a discussion on the importance of historical sources and reflect on the adoption of the Discursive Traditions model for typology personal letters collected under the project Para História do Português Brasileiro (PHPB).

---

## **KEYWORDS:**

Personal letter;  
History of the  
Portuguese language;  
Discursive Tradition.